

## A construção subjetiva de uma antiga prostituta: narrativas de memória, Serra-ES (1970-1980)

Mirela Marin Morgante<sup>1</sup>  
Maria Beatriz Nader<sup>2</sup>

**Resumo:** Em Vitória (ES-Brasil), o poder estatal implantou uma política de ordenamento social e higienização do centro da cidade em fins dos anos de 1960, expulsando prostitutas e as direcionando para São Sebastião, um bairro na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), próximo ao recém-inaugurado Porto de Tubarão. O território se tornou a principal área de prostituição da RMGV, para onde se direcionaram diversas mulheres em busca de melhores condições de vida e de realização pessoal segundo suas próprias percepções. Por meio da História Oral de vida, este artigo evidencia a trajetória prostitucional de Diane, uma mulher que chegou no território aos 9 anos de idade, em meados da década de 1970, e nesse lugar construiu sua subjetividade singular, a partir de suas vivências no local e de suas memórias.

**Palavras-chave:** prostituição; memória; poder; resistência

**Abstract:** In Vitória (ES-Brazil), state power implemented a policy of social ordering and sanitation of the city center in the late 1960s, expelling prostitutes and directing them to São Sebastião, a neighborhood in the Greater Vitória Metropolitan Region (GVMR), near to the recently opened Port of Tubarão. The territory has become the main sexual industry of GVMR, where several women have gone in search of better living conditions and realization of affection with themselves. Through Oral History of Life, this article highlights the trajectory of Diane, a 9-year-old girl who arrived in the territory in the mid-1970s, where she built her unique subjectivity, from her experiences in the place and from her memories.

**Keywords:** prostitution; memory; power; resistance.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda, Doutora (2020) e Mestra (2015) em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, Licenciada e Bacharel em História na Ufes. Participou do Programa de Doutorado Sandwich no Exterior da CAPES, realizando estágio de Pesquisa no Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas (IREF) da Universidade do Quebec em Montréal (UQÀM). É integrante do Laboratório de Estudos em Gênero, Poder e Violência (LEGPV-Ufes). Está coordenadora do GT Regional de Gênero da ANPUH (Associação Nacional de História) – Espírito Santo.

<sup>2</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coordenadora do Laboratório de Estudos de Gênero, Poder e Violência (LEG/UFES), Mestra em História e Filosofia da Educação, Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo, com Estágio Pós-Doutoral em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. É coordenadora do GT Regional de Gênero da ANPUH (Associação Nacional de História) – Espírito Santo, membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

## Introdução

A partir do século XIX, com o desenvolvimento industrial e urbano de diversas cidades de países Ocidentais, como França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Suécia, Argentina, Estados Unidos e Canadá, a prostituição tornou-se uma problemática abordada pela medicina social como um dos males citadinos que urgia necessidade sanar para promover a higienização e a ordenação social dos espaços urbanos (ENGEL, 2004; CORBIN, 1978; LACASSE, 1994; KNEEDLAND, 1913). Em muitos desses locais, em conformidade com os discursos médicos de defesa da regulamentação da prostituição, foram implementadas práticas de territorialização do meretrício em áreas determinadas, afastadas dos centros urbanos, onde o mercado sexual pudesse continuar a existir de forma controlada social e sanitariamente, distante das regiões habitadas e frequentadas pelas famílias de classes médias e altas.

No Brasil, foi, sobretudo, a partir do século XX, quando houve uma aceleração do crescimento industrial e urbano em todo o território nacional, que as práticas de ordenamento social e de territorialização da prostituição se disseminaram por diversas cidades brasileiras, em conformidade com o avanço modernizador em cada uma delas. São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Londrina (PR) e Florianópolis (SC), são alguns exemplos de cidades onde houve o internamento da prostituição em um território específico (RAGO, 1991; LEITE, 2005; BENATTI, 1996; FERRARI, 2008), no qual se promovia a junção de territorialidade e exclusão social proporcionada pela configuração de uma nova "geografia do prazer", conforme define Margareth Rago (1991).

Vitória (ES), cidade marcada pela concentração da presença masculina de soldados, trabalhadores, padres e homens vadios, sem trabalho fixo, desde meados do século XVIII, quando a capitania capixaba teve a missão real de proteger as minas da região das Gerais, em meados da década de 1960, detinha bordéis que se aglomeravam em determinadas ruas na região do centro de Vitória e isso, com a expansão geográfica, imobiliária, populacional e das atividades comerciais da cidade, incomodava a elite vitoriense. O centro da capital, nesse período, tornava-se um espaço cada vez mais frequentado e habitado por famílias de classes médias e altas. E, sob o poder executivo estadual de Christiano Dias Lopes, foram realizados inúmeros discursos e implementadas diversas práticas de ordenamento social e de marginalização territorial da prostituição, em consonância com a intensificação do processo de industrialização e de urbanização da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Com isso, imbuídos do ideal da medicina social brasileira de cidade limpa, organizada e habitada por famílias "sadias", que viam a prostituição como uma "doença social", os poderes repressivos estatais passaram a atuar no sentido de excluir e marginalizar as meretrizes da área central de Vitória.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A Reportagem jornalística "São Sebastião dos Boêmios", produzida e exibida pela TV Gazeta do Espírito Santo em 1976, demonstra quais eram os ideais que nortearam as ações e os discursos dos poderes estatais capixabas de legitimação do território (SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS, 1976).

Em 1968, conforme evidencia a Revista Espírito Santo Agora (1980), a Secretaria de Segurança Pública do estado se incumbiu da definitiva expulsão das prostitutas do centro de Vitória. Foi dado um prazo de 90 dias para que todas as mulheres que atuavam no mercado sexual se retirassem do local, caso contrário, o aparato repressivo estatal iria retirá-las à força, não poupando o uso da violência. A partir de então, elas teriam de atuar no território de São Sebastião, localizado no município da Serra (RMGV) e próximo ao recém-inaugurado Porto de Tubarão. Segundo a narrativa de Eny (2019), antiga cafetina de São Sebastião, quando a região foi loteada no início das construções do porto, os agentes imobiliários faziam a venda dos lotes no centro de Vitória para as donas de boate e demais mulheres que tinham interesse em erguer sua boate no território, ocasião na qual Eny comprou seu lote no local, junto com outras empreendedoras da indústria sexual. Assim, quando foram expulsas pelo poder estatal capixaba da região central da capital, diversas mulheres atuantes no mercado sexual já tinham seus lotes no território e logo construíram suas boates no local. Não há uma evidência explícita de um projeto estatal de configuração da região de prostituição de São Sebastião, o que se sabe é que os poderes públicos capixabas legitimaram e atuaram na organização do espaço e das relações sociais do território (SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS, 1976; ESPÍRITO SANTO AGORA, 1980).

Apesar de ser vista enquanto uma anomalia e uma doença social, a prostituição se configurou por muito tempo como um "mal necessário", permitindo que os homens extravasassem seus desejos sexuais pretensamente instintivos e, com isso, preservassem a instituição matrimonial e as relações sexuais tradicionais da sociedade capixaba.<sup>4</sup> Nesse sentido, as práticas e os discursos de poder delinearão a região de São Sebastião, mais conhecida como Carapeba (por sua proximidade com a praia de Carapebus, no Município Serra), como a principal área voltada para o meretrício da RMGV. A região passou a contar com diversas boates, bares e dormitórios, frequentados por homens de diferentes classes sociais, tanto brasileiros quanto estrangeiros, muitos dos quais adentravam à capital capixaba diretamente pelo Porto de Vitória ou pelo Porto de Tubarão. São Sebastião tornou-se um 'território prostitucional' e, apesar de todos os discursos contrários à sua manutenção, (re)existiu até princípios de 1980, quando iniciou um processo de decadência. O local passou a se chamar Novo Horizonte e as mulheres que atuavam como prostitutas ou cafetinas na região precisaram encontrar alternativas de sobrevivência.

O objetivo do presente artigo é analisar o processo de construção singular da subjetividade de uma mulher que vivenciou a prostituição em São Sebastião, a partir de sua própria memória sobre algumas das relações de poder experimentadas naquele

---

<sup>4</sup> Conforme as construções sociais da masculinidade, o desejo sexual dos homens seria superior ao das mulheres, por isso eles precisariam satisfazê-lo com prostitutas para preservar suas esposas ou suas pretendentes à esposa. Sobre o assunto ver FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984.

território. Esta mulher é chamada com o nome fictício de Diane<sup>5</sup>. Chegamos a ela em uma visita ao atual bairro de Novo Horizonte, quando estávamos à procura das moradoras mais antigas que tivessem vivido a época da indústria sexual no local. Das 10 pessoas encontradas, que viveram no período de Carapeba, ela foi uma das 4 que aceitaram contar suas experiências no mercado sexual e sua trajetória pessoal.

Assim, tendo como base a História Oral como principal fonte e método de pesquisa histórica, realizamos a entrevista com Diane. Particularmente, utilizamos a modalidade da História Oral de vida como definida por José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda (2007), atentando-nos para o aspecto subjetivo, seguindo as etapas importantes das trajetórias individuais, e no caso específico de Diane, desde sua infância, sua vida em família, sua trajetória na escola, a sua entrada na prostituição e o cotidiano vivenciado em Carapeba, até o fim do meretrício e os caminhos tomados depois, chegando aos dias atuais. São narrativas de memória sujeitas às contradições, imprecisões e ajustes característicos da fala e da lembrança, de maneira que suas exposições "[...] apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões, distorções" (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34).

Além da entrevista propriamente, construímos um diário de campo no decorrer dos últimos 5 anos de pesquisa com Diane, durante os quais efetuamos um total de, aproximadamente, 30 visitas à entrevistada. A cada encontro, anotamos em um caderno de campo as nossas percepções sobre seus gestos, suas atitudes e seus hábitos, que consideramos relevantes para a análise de sua memória subjetiva. Assim, tivemos como *corpus* documental de estudo tanto a entrevista em História Oral de vida, quanto o caderno de campo construído no decorrer do tempo passado com ela.

A escolha pela análise de História Oral realizada com uma sujeita ativa da configuração social de São Sebastião, uma mulher que atuou no mercado sexual no local, se deu a partir da constatação da preponderância da utilização de fontes produzidas por homens, como as policiais, médicas e literárias, nos estudos históricos sobre a prostituição no Brasil. Apesar da emergência e da crescente produção historiográfica colocando as mulheres enquanto objeto de estudo da história, principalmente a partir da década de 1960 no Brasil, no âmbito dos estudos acerca da prostituição, são raros os trabalhos que colocam as próprias mulheres como sujeitas de suas histórias por meio do exame de suas narrativas e de suas percepções pessoais sobre suas experiências na indústria sexual. As pesquisas de Magali Engel (2004), Margareth Rago (1991), Juçara Luzia Leite (2005), Antonio Paulo Benatti (1996) e de Maryana Cunha Ferrari (2008) são alguns exemplos de produções históricas que se debruçam sobre os discursos, as representações, o imaginário e as políticas construídas em torno do universo prostitucional em determinadas regiões do país, tendo como base fontes documentais produzidas por homens.

---

<sup>5</sup> O nome partiu de uma personagem real, que viveu a prostituição na mesma época, em condições muito parecidas com a nossa entrevistada, na cidade de Montréal, no Canadá (LIMOGES, 1967).



Claro que essas pesquisas são valiosas para qualquer análise da prostituição no Brasil e, em maior ou menor medida, mostram as diversas posições e condições ocupadas e vividas pelas mulheres atuantes nos mercados sexuais brasileiros. De qualquer maneira, foi, sobretudo, por meio dos discursos masculinos que as representações, as memórias e os saberes a respeito da prostituição foram revelados pelos estudos históricos. É nesse sentido que Michelle Perrot (1998) afirma que a História Oral é, de certa forma, uma revanche das mulheres, na medida em que permite o uso da fonte oral, produzida pelas próprias mulheres sujeitas de sua história, no estudo historiográfico que as tem como objeto. Como enfatiza Meihy (2015, p. 76), é necessário incluir as vozes "[...] das prostitutas no concerto analítico que preza seus testemunhos. Sob a pena de ser mais um 'cruel silenciamento', a historiografia, sem o protagonismo dos implicados nessa atividade, é passível de se tornar 'outro' – mais um – discurso autoritário".

Por isso, diferente da maioria das pesquisas realizadas sobre o tema no campo disciplinar da história, a memória de uma antiga prostituta conduz a nossa narrativa, em um processo de inclusão de sua voz, por meio da qual procuramos falar "com" ela e não tão somente "sobre" ela. Segundo Paul Thompson (1998), a História Oral permite devolver ao seu lugar primordial aqueles que viveram e fizeram a história, utilizando-se de suas narrativas para a compreensão histórica, em uma produção discursiva da "verdade" de cada um, e não tão somente dos discursos de poder. É um olhar interno do objeto de estudo, que se torna, assim, sujeito de sua própria história.

Nessa perspectiva, a análise de suas narrativas se pauta no entendimento do conceito de memória enquanto a própria singularidade do sujeito. Como explica Gilles Deleuze (2013, p. 115), "memória é o verdadeiro nome da relação consigo ou do afeto de si por si". Conforme Henri Bergson (2006), a memória faz com que o corpo seja distinto de uma instantaneidade, dando-lhe duração no tempo. O autor evidencia algumas direções tomadas pela memória, como a lembrança, a percepção, a afecção e o hábito, que, apesar de serem distintas, podem se entrecruzar e agirem num mesmo momento e gesto corporal. Portanto, o conceito de memória abrange suas variadas direções e se refere à subjetividade singular do sujeito.

E, a prostituição, por sua vez, não é compreendida aqui de maneira trans-histórica e universal, como pressupõe a ideia de "profissão mais antiga do mundo", e sim, considerando o conceito como historicamente construído, como define Rago (1991). Segundo a autora, o conceito nasceu no século XIX a partir de referências médicas e policiais, para designar a comercialização sexual do corpo feminino em um período de crescimento urbano e de alargamento das relações sociais. A prostituição desse momento histórico no Brasil, deve ser compreendida como inserida "[...] numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, e em que todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade e a fidelidade feminina" (RAGO, 1991, p. 23). É nesse sentido que utilizamos os termos de indústria e mercado sexuais para abordar o território prostitucional de São Sebastião e alhures, fazendo

referência à rede de relações de poder que formam os diagramas das configurações históricas da prostituição.

Isso posto, o problema fundamental que norteia a análise da construção subjetiva de Diane, é entender como as relações de poder tecidas e vivenciadas por ela em São Sebastião, em meio à constante repressão, regulação e disciplinarização do seu corpo, produziram sua subjetividade não somente como sujeição, mas, sobretudo, como realidade positiva, criadora de pontos de resistências. Em consonância com Michel Foucault (1979; 1984; 1985), entendemos o poder como produtor de individualidade, em sua multiplicidade discursiva e de práticas sociais geradoras de novas dinâmicas de produção de subjetividades e de outras relações de poder e de afeto.

Não obstante a violência e as estratégias de disciplinarização para a submissão das individualidades, o poder implica sempre em pontos de resistência e de subversão, em relações de afeto dos sujeitos para consigo mesmos que alteram os termos das relações de forças e geram outras relações de poder diferentes das primeiras impostas. Por isso, as estratégias de poder são entendidas aqui não como determinantes da construção subjetiva de Diane, mas em seu caráter de "subjetivação", de produção de subjetividade contínua por meio dos efeitos das relações de poder em sujeitos já singulares, com suas memórias pessoais.<sup>6</sup>

### **Relações de poder e construção subjetiva em São Sebastião**

Por volta de 1972, Diane chegou no mercado sexual mais próspero da RMGV. Com apenas 9 anos, negra e pequena, ela fugiu da casa dos pais, em Campos dos Goytacazes, no norte do Rio de Janeiro, acompanhada de uma amiga de 16 anos, para ir para São Sebastião. Sua família era católica, apesar de não serem frequentadores assíduos da Igreja, e tinha razoável poder aquisitivo, o pai era negro e trabalhava como ferroviário e a mãe era branca e dona de casa. A menina tinha muitos irmãos, mas era a filha negra mais escura de todos e o pai, racista, violento e ignorante, a maltratava e a agredia muito. Conforme suas palavras,

Lá em casa a única morena, a única preta, que puxou meu pai, fui eu. Se você ver meus irmãos, minha irmã, ninguém diz que são, não. Diz que eu fui criada lá, pega para criar do meio do mato. [...] E porque meu pai era muito ignorante, assim, bruto. Qualquer coisinha errada, era um copo quebrado, uma tacinha, era eu. Era sempre eu, a preta.

Por isso, ansiosa em sair de casa e escapar da tirania paterna, ela decidiu acompanhar a amiga, sem saber que estava indo para uma região de prostituição.

---

<sup>6</sup> Enquanto a obra "História da sexualidade I: a vontade de saber" (FOUCAULT, 1979) é a nossa referência fundamental para a concepção realidade positiva do poder como produtor de individualidades, as obras "História da sexualidade II: o uso dos prazeres" (FOUCAULT, 1984) e "História da sexualidade III: o cuidado de si" (FOUCAULT, 1985) são as nossas principais referências para o entendimento do processo de subjetivação singular como resultado do afeto de si para consigo mesmo.

Ao chegar em São Sebastião, o local estava bem movimentado, com maior área construída, número de habitantes e de frequentadores, do que no final da década de 1960, quando foi delimitado pelos poderes regionais para ser a principal região da indústria sexual capixaba. Algumas casas já contavam com energia elétrica, mas as ruas ainda eram de terra, cercadas por matagais e vegetações diversas. Sem ter para onde ir, Diane e a amiga ficaram vivendo em frente à uma lanchonete do bairro. A amiga logo começou a namorar e foi morar com o rapaz. Diane permaneceu sem moradia, habitando na calçada do estabelecimento. Durante a noite e até as primeiras horas da manhã, o movimento no território era intenso. Amedrontada, ela não conseguia dormir, e nos disse que "tinha medo até de cochilar". Observando as pessoas ao seu redor, Diane via diversas brigas por causa de namorados e pelos clientes, roubos, alcoolismo e outras situações que acabavam em desavenças muitas vezes bastante violentas, envolvendo combates físicos e cortes com navalhas.

Depois de alguns dias vivendo em condições precárias, mal conseguindo dormir e se alimentar, uma mulher de meia idade, chamada Lourdes, que "batalhava" no bairro, como Diane se refere ao exercício da prostituição, a levou para morar em sua residência em Carapeba. Lourdes não levava nenhum cliente para dentro de casa, cuidava da menina "como uma filha", fazia comida e a auxiliava com a sua sobrevivência básica. Diane diz que a considera como uma segunda mãe. Ela viveu cerca de 3 anos com Lourdes, observando e participando das conversas com as suas amigas, fazendo algumas amizades no bairro e começando a aprender sobre as dinâmicas das relações prostitucionais do território.

Com aproximadamente 12 anos, mais adaptada à região e vivendo em uma situação de maior segurança física e emocional, Diane se mudou para outro aposento no mesmo edifício da moradia de Lourdes para morar sozinha e já começou a fazer ponto<sup>7</sup> em uma esquina perto de sua residência. Tendo notado que as mulheres adquiriam suas roupas, sapatos e apetrechos variados pagando depois ou em prestações para as vendedoras ambulantes que comercializavam no bairro, as "prestanistas" como ela as chama, Diane fez o mesmo, adquiriu tudo o que precisava para exercer a prostituição, prometendo a quitação da dívida em um momento posterior. Apesar da performance, Diane ainda tinha corpo de criança, era magra e não tinha peito, por isso, tinha dificuldades em ser aceita para trabalhar dentro das boates.

O juizado de menores estava constantemente vigilante quanto à maioria das inquilinas das casas de prostituição e mesmo das meninas que frequentam as ruas, os bares e os dormitórios da "geografia do prazer". Algumas cafetinas temiam a investida dos oficiais do juizado em suas boates e preferiam não se arriscar com meninas muito novas lá dentro. Ciente da constante vigilância do juizado de infância e juventude no

---

<sup>7</sup> "Fazer ponto" é a expressão utilizada por ela e pelas prostitutas de maneira geral, para se referir à forma como trabalham nas ruas ou nos bordéis. Elas ficam paradas em determinado ponto, geralmente em uma esquina ou no salão de uma casa de prostituição, arrumadas conforme a moda que caracteriza uma prostituta, em sua formação histórica e territorial, esperando a chegada de um cliente para oferecer seus serviços sexuais.

território, Diane também ficava atenta para não ser pega. Toda a vestimenta e a performance de gênero<sup>8</sup> que assumia, atuava de maneira a disfarçar a sua idade, tentando parecer mais velha tanto para o juizado, quanto para os clientes.

Certa vez, quando já trabalhava na boate Patiá, os oficiais do juizado entraram no bordel para averiguar a idade das prostitutas da casa e Diane se escondeu dentro de uma caixa d'água para não ser pega. Um dos oficiais, então, sentou-se justamente na caixa d'água, "[...] e eu lá debaixo quase me afogando e vendo aquele bundão na minha frente". Sentado, ele ia ordenando para que os demais agentes procurassem por todo o prostíbulo, enquanto a menina estava quase se afogando. Ela conseguiu ficar sem respirar por todo o tempo que o oficial permaneceu ali, e salvou-se tanto da morte, quanto da prisão. Esta, era bastante temida por Diane, pois sabia que se o juizado a pegasse iria entrar em contato com o seu pai e temia pelas atitudes que ele poderia tomar ao descobrir seu ofício. Pensava que o pai iria matá-la ou, no mínimo, daria uma surra bastante violenta nela.

Quando foi morar sozinha e começou as atividades prostitucionais, Diane passou a arcar com suas próprias contas e responsabilidades, e perdeu a virgindade em um episódio que foi marcante para ela. Inicialmente, ela conheceu um "coroa", advogado, com quem passou a ter uma relação de cunho paternalista. Ele pagava seu aluguel, suas contas, a levava para restaurantes, lhe dava roupas, calçados, dinheiro e até bonecas e bolas coloridas, sem manter nenhuma relação sexual com ela. Diane sentia-se protegida e amparada na relação com o advogado, pois além de ele pagar suas contas e lhe dar presentes, possibilitava que ela tivesse acesso ao consumo, sobretudo, de brinquedos, como nunca antes pudera ter. Com o passar do tempo, eles se relacionaram sexualmente. Sua primeira relação sexual foi marcante para ela, sentiu dor, incômodo e, após o coito, viu sangue sobre a cama. Ficou assustada, pensava que ele havia a cortado. Então, o homem explicou-lhe o que ocorrera e tranquilizou Diane. Ele a visitou constantemente durante 5 anos, período durante o qual ela exerceu a prostituição também com outros homens.

A partir da experiência com esse advogado, Diane conta que foi "tomando gosto do negócio", aprendeu que era por meio de um cliente, de preferência mais velho, que podia adquirir o que almejava e precisava para sobreviver no território, com o mínimo de danos físicos e emocionais possíveis, preservando-se a si mesma. Conheceu outro advogado, também de meia idade, que trabalhava diretamente com o juiz do município de Serra. Ele lhe dava bastante dinheiro, presentes e pagava muitas de suas despesas. Assim como com o outro advogado, permaneceu alguns anos se encontrando com ele ocasionalmente, o que lhe garantiu o sustento por um bom período de tempo.

---

<sup>8</sup> Conforme Butler (2016), gênero deve ser entendido enquanto produto de normas de inteligibilidade construídas pelos sistemas jurídicos de poder e que são inscritas nos corpos e nos atos cotidianos dos sujeitos na forma das *performances* assumidas. Os sujeitos assumem, assim, performatividades de gênero por meio de atos repetidos incessantemente pelos corpos, procurando produzir estereótipos identitários de feminilidade ou de masculinidade.



Em seguida, a menina conheceu um paulista, "meio coroa também, altão. Mas sabe, aqueles coroa assim tipo artista de cinema? Mais ou menos assim". Com aproximadamente 13 anos, ela engravidou, não tem certeza se foi fruto da relação com o paulista ou com um dos advogados, mas acredita que foi do primeiro. Ainda sem saber da gestação, Diane passou a viver e a trabalhar no bordel de Elza Mendes, mas ficou pouco tempo no local porque sua pouca idade começava a trazer problemas para a cafetina. Então, foi para o bordel chamado Patiá, onde havia algumas inquilinas que "[...] qualquer coisinha queria brigar, sabe? Inveja. Eu novinha, bonitinha, e elas assim mais coroa. [...] E começa as implicâncias, querem te bater, entendeu?".

Com a descoberta da gravidez, Diane resolveu sair da boate e ir para sua cidade natal, em Campos dos Goytacazes (RJ). Chegando lá, o pai estava viajando e sua mãe ficou mais à vontade para ajudá-la. Ela colocou a menina na casa de amigos e cuidou dela até o nascimento do neném, que, um mês e meio depois de nascer veio à óbito devido a uma doença rara no cérebro. Diane, então, voltou para São Sebastião e foi morar na Continental, casa de prostituição de Maria de Jesus. Nessa época tinha aproximadamente 14 anos e, por meio do contato com outro homem mais velho e influente, com quem se relacionava ocasionalmente, conseguiu uma certidão de nascimento falsificada, atestando a maioridade e evitando ser pega pelo juizado de infância e juventude.

Permaneceu cerca de 3 anos na boate Continental e, mais uma vez devido às confusões com as outras inquilinas do prostíbulo, decidiu sair e morar em um dormitório no prédio do "Seu Chiquinho", localizado em São Sebastião mesmo. As brigas e as agressões entre as mulheres que atuavam no mercado sexual eram frequentes. Diane precisava estar sempre reagindo e atuando em meio à rede de relações de poder exercidas no território em constante iminência da violência física. Em uma ocasião, depois de fechada a Boate Continental, onde trabalhava à época, Diane foi à um bar juntamente com outras quatro inquilinas do bordel. No recinto, todas bebiam e comiam churrasquinho de carne, quando, de repente, uma delas caminhou firmemente em direção à Diane e a empurrou. Ela caiu no chão e logo chutou a mulher com força. A confusão começou. Diane conta que agrediu as quatro meninas com quem fora para o bar, que se juntaram para agredi-la no momento da confusão.

Diane demonstra que tinha experiência em confrontos físicos; além disso, era uma das poucas mulheres que se mantinham sóbrias no bairro, enquanto a maioria das prostitutas consumia bastante bebida alcoólica. Segundo narra, com o objetivo de se defender das ameaças de agressões tão frequentes em São Sebastião, entrou para uma academia de judô, chamada Praia Judô Clube, em Vitória, onde aprendeu técnicas de luta. Foi depois de um programa<sup>9</sup> com um japonês, realizado na boate Continental, que decidiu aprimorar-se nos combates corporais. Ele ensinou a Diane um golpe mortal no nariz. Ela conta que depois do coito, foi ao banheiro, tomou um banho e, ao retornar

---

<sup>9</sup> "Programa" é o nome dado aos serviços sexuais realizados por uma prostituta para os seus clientes, no caso de São Sebastião, normalmente em quartos das boates ou em alcovas reservadas para tanto.

para o quarto, ele estava em cima da cama "[...] dançando igual uma borboleta" e chamando-a para a luta. Ele executou um golpe nela, sem utilizar a força, e explicou, no pouco que conseguia se comunicar em português, que era para ela fazer o mesmo em um momento de perigo. Diane, então, resolveu conhecer a arte marcial, o que lhe ajudou bastante nas brigas enfrentadas no território.

E não era somente das mulheres que a jovem precisava se defender. Os próprios programas apresentavam muitos riscos de violência e até de morte. Diane relata uma tentativa de homicídio que viveu na boate de Elza Mendes, no programa realizado com um "coroa", como se refere aos homens de meia idade, negro, "falou que é preto... não dou muita sorte com isso não". Depois do coito, o homem partiu para a agressão contra Diane, que reagiu e ambos entraram em combate. Posicionado em cima dela sobre a cama, ele tentou enforcá-la com as mãos. Ela se encolheu e conseguiu empurrá-lo com o joelho, com força. Ele bateu de costas no guarda-roupa, quebrando a porta da mobília. Ela ficou em pé e rapidamente jogou um frasco de perfume nele. Então, o homem abriu a porta e saiu do local. Diane relata que cerca de uma semana depois, uma menina foi assassinada em uma casa em frente à boate de Elza Mendes, por enforcamento com um lençol. Ela tem certeza de que o autor do assassinato foi o mesmo homem que havia tentado matá-la.

Nota-se em Diane a presença constante de estereótipos racistas, principalmente, quando ela quer depreciar a imagem de alguém. Ao narrar a violência sofrida do cliente negro, faz questão de enfatizar de antemão que tem problemas com pessoas negras. Ela tem uma história de vida marcada pelo racismo que sofreu já no interior da família. Como relatado anteriormente, seu pai era negro e sua mãe branca, filha de espanhóis, e ela foi a criança mais escura que nasceu do casal, uma vez que todos os seus irmãos eram bem mais claros que ela. Por isso, Diane afirma que o pai tinha preconceito contra ela, justamente pela cor de sua pele, e praticava violências constantes contra a menina, que ficava revoltada e sempre se sentindo injustiçada. O preconceito racial perpetrado pelo pai contra a sua pessoa foi o principal motivo que fez Diane fugir de casa e ir para São Sebastião. Ela escapou de quem praticava o racismo contra a sua pessoa, mas o racismo nunca saiu de sua memória, de sua percepção de mundo. Tampouco esteve ausente nas relações de poder em que teceu no mercado sexual da RMGV.

Conforme Lélia Gonzales (1984), a ideologia do branqueamento vigente na sociedade brasileira se pauta em uma lógica de dominação por meio da internalização e da reprodução dos valores brancos ocidentais. Os discursos racistas procedem à uma naturalização dos comportamentos sociais da população negra, atribuindo qualidades como irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, entre outros, às pessoas negras, de forma a justificar e legitimar a discriminação feita contra elas. Se colocando enquanto verdade absoluta, o discurso dominante procura domesticar os sujeitos negros para agirem em conformidade com seus preceitos. Mas, nem sempre isso é possível. A autora explica que as pessoas negras reagem a todo momento à ideologia do branqueamento, em um processo dialético entre a consciência dominante e a memórias desses sujeitos. No caso de Diane, é possível observar a internalização da discriminação

racial quando ela se refere às pessoas negras de sua convivência ou presentes em suas lembranças, ao mesmo tempo em que ela procura se afastar, pessoalmente, dos estereótipos racistas, se colocando enquanto uma pessoa honesta, trabalhadora e cuidadosa.

Enquanto uma menina negra e pouco alfabetizada, Diane passou por situações muito perigosas logo que chegou em Carapeba e foi aprendendo, na prática, a ficar sempre atenta às pessoas ao seu redor e como devia se comportar para conseguir sobreviver. Com uma experiência marcada pelo racismo e pela agressividade, ela adquiriu o hábito de não confiar e não se envolver com pessoas negras, na sua visão, mais propensas às agressões e às condutas inadequadas. O episódio de violência perpetrado por um homem negro narrado por ela é apresentado como mais uma forma de provar o quanto não é possível confiar em um homem negro. Assim, por meio de suas memórias e das relações de poder vivenciadas no território, Diane foi aprendendo a sobreviver e a cultivar o afeto por si mesma, na medida em que ela procurava se preservar das ameaças e das violências contra o seu corpo, suas emoções e sentimentos.

Além das situações de agressões físicas propriamente ditas vivenciadas por Diane, algumas excentricidades sexuais por parte dos clientes deixavam a jovem em situação de violência psicológica e propícia às agressões físicas. Certa vez, um "coroa", bonito e endinheirado, solicitou, em meio à atividade sexual, que ela urinasse em sua boca. Como ela diz,

Ele queria que eu fizesse xixi na boca dele. Vê se tem... olha só que ideia! Que tesão é esse? Gente, era cada coisa que a gente via. [...] Como eu não quis fazer xixi na boca dele, menina, xingou minha mãe de tudo quanto era nome! Aí eu peguei ele de tapa, de tanto ódio que eu fiquei [...]. Não é que o danado do homem ficou atrás de mim igual um cachorro? Era isso que ele queria!

Outros clientes, por sua vez, pediam que a jovem introduzisse objetos nos ânus deles, como Diane narra,

Quando não era cenoura, não tinha cenoura, eles me obrigava a pegar negócio de escova assim e enfiava no rabo deles. Queriam que eu fizesse aquilo. Eles apontavam assim, para enfiar neles. Ah, fala sério!

Diane conta que se recusava a realizar as vontades excêntricas dos clientes. Muitas vezes era pega de surpresa por solicitações para efetuar determinados gestos que lhe eram insultantes e agressivos, em uma situação tal que ela se sentia mais vulnerável às agressões e aos abusos masculinos.

Visando efetivar o afeto de si para consigo mesma, ou seja, procurando cuidar do seu corpo e de seu estado emocional segundo suas próprias percepções de cuidado, Diane tendia a se distanciar das brigas, dos riscos de violência e de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST). Ela decidiu sair da Boate Continental e ir morar sozinha novamente, aproximadamente em 1976, então com 17 anos. Ela passou a pagar o aluguel mensalmente e ficou livre para viajar para diferentes cidades para fazer

programas, como Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Juiz de Fora (MG), Campinas (SP), e para fazer ponto nos diferentes bordéis do território, dentre os quais a Boate Atlântica, a boate mais luxuosa do bairro, frequentada pelos homens da alta sociedade capixaba, e a Boate Veneza, onde predominavam os clientes estrangeiros.

Em muitas de suas viagens ao Rio de Janeiro, Diane ia para a Praça Mauá, no Centro, e para o bairro de Copacabana, ambos locais bastante frequentados por estrangeiros. Em uma boate de prostituição de Copacabana, passou a atuar dançando no "queijo", um palco quadrado com uma barra de ferro no centro, em que as mulheres faziam danças sensuais rodeadas pelos espectadores. Ela recebia um salário mensal, e não precisava se preocupar em fazer programas para se sustentar. Diane considera suas viagens proveitosas, conseguia receber um bom dinheiro nelas, mas sempre voltava para São Sebastião, um local familiar, onde conhecia muitas pessoas e sentia-se segura. Ela diz que precisava sair do bairro ocasionalmente por conta dos investigadores que a procuravam a mando de seu pai. Quando ficava sabendo que estavam a sua procura, ela viajava, ficava um tempo fora e depois voltava.

As viagens de Diane auxiliaram também na sua entrada na Boate Atlântica, a mais requintada do principal mercado sexual da RMGV. Isso porque, conforme relata,

Lá era tão chique, que ela não aceitava mulher que saía daqui ou saía de outra boate e fosse para a dela, não. Primeiro tinha que viajar, dar um tempo fora, uma semana, duas semanas. Depois, voltava direto na casa dela. Se valesse a pena. Senão ela não aceitava não.

Diane relata que desde nova frequentava o apartamento da dona do prostíbulo, Dinorá, que gostava dela e a considerava linda, com sua cintura fina, pernas grossas e glúteos volumosos. Mas, com seus 13 ou 14 anos<sup>10</sup>, Diane era vista ainda como uma criança, era pequena, tinha o corpo infantil, e Dinorá não a aceitava em seu prostíbulo, receosa das penalidades que poderiam ser impostas pelo juizado de menor pela sua presença no estabelecimento. Com o passar do tempo, Diane foi crescendo e seu corpo se devolvendo, até que, aos 17 anos de idade, passou a frequentar a boate, sem, contudo, tornar-se inquilina permanente.

Morando sozinha em um cômodo alugado em São Sebastião, Diane fez ponto na Atlântica de quando em vez, por aproximadamente quatro anos. Nas noites em que ia ao salão do bordel, colocava um sapato de salto alto, peruca, bastante maquiagem para parecer adulta e seu melhor traje, um vestido longo estilo "rabo de peixe", mais conhecido como sereia, justo ao corpo na parte de cima até as coxas, altura em que a saia abre rodada, valorizando as curvas do corpo e, como diz Diane, a sua cintura fina. A boate era muito elegante, todos os quartos eram suítes bem decoradas e organizadas, e

---

<sup>10</sup> Seguindo a narrativa de Diane, procedemos à construção do texto de forma não linear na cronologia do tempo. Na entrevista, ela contava os acontecimentos e suas percepções conforme surgiam em sua mente, de forma desordenada e acelerada, como se tivesse uma urgência em falar de tudo o que se lembrava. Procuramos organizar sua narrativa de forma compreensível conforme os objetivos do artigo e de acordo com os temas abordados na entrevista.



a noite, o salão era repleto de atrativos, com bandas tocando ao vivo, desfiles e shows de *striptease*. Apesar do *glamour* do bordel, Diane não almejava tornar-se inquilina de Dinorá, pois precisaria seguir criteriosamente as regras de conduta da casa. Ela preferia residir no seu apartamento privado e ter a liberdade de frequentar a Atlântica ocasionalmente, quando "cismar", como fala.

Nas ocasiões em que fazia ponto na boate mais requintada de São Sebastião, Diane se sentava em um canto do salão e ficava fumando cigarros enquanto esperava pela oferta dos fregueses, o que acontecia raramente. Então, ela simplesmente voltava para sua residência após o término do expediente, aproximadamente às 3 horas da manhã, e ia dormir. Diane não costumava consumir álcool e fazer muitos programas, era bastante temerosa e não tinha coragem de paquerar os homens em busca de um programa e sequer de pedir um cigarro. Já tendo enfrentado uma negativa ao solicitar um cigarro a um homem, afirma que nunca mais quis fazer isso, pois se sentira muito constrangida. Com relação aos programas, ela via as prostitutas sendo humilhadas pelos homens e não queria passar pela mesma situação. Além do receio em ter uma solicitação de programa negada, Diane era cautelosa em manter relacionamento sexual, tinha medo de contrair uma DST e, por isso, preferia ficar com os homens que considerava mais confiáveis, geralmente mais velhos, casados, que se relacionavam pouco com prostitutas. Os "coroas" costumavam ajudar em suas despesas e pagar bem pelos encontros sexuais. Era a eles que ela recorria em caso de necessidade, quando já estava a mais de um mês sem fazer nenhum programa.

No dia a dia em São Sebastião, Diane preferia se manter sóbria, sem ingerir bebidas alcoólicas, bebia apenas suco no salão das boates, que custavam o mesmo preço de uma dose de *whisky*, no que ela avisava aos clientes com antecedência, "para não dizer que estava enganando. Ai, eu não gosto desses negócio. Depois tem briga, sabe?" Enquanto alguns homens admiravam sua sinceridade, outros ficavam inconformados pela sua preferência, e insistiam para que ela consumisse uma bebida com álcool, o que acabava levando, amiúde, às brigas e confusões. Ela explica que os homens, "achavam que, por eu estar morando dentro de uma zona, eu tinha que beber. Daqui a pouco era obrigada até a traficar, matar, roubar, porque eu estava dentro da zona?" E acrescenta que não era isso que ela queria. "Eu queria mostrar para eles que não, que a pessoa poderia viver aí sem beber, sem traficar, sem fazer mal para ninguém. Mas eles não entendiam, aí é aonde eu brigava".

Diane sentia o preconceito dos clientes contra ela e, logo, contra todas as pessoas que habitavam o território de prostituição da RMGV. Consciente da visão deles acerca da prostituição, provavelmente a mesma do seu pai e de toda a sua família, a jovem procurava se diferenciar dessa perspectiva que encarava as prostitutas como uma anomalia, uma sujeira, um flagelo social. As suas atitudes e seus hábitos de conduta eram produzidos cotidianamente em meio às relações de poder no território, em que ela procurava se afirmar como um sujeito humano digno de afeto e de respeito, como qualquer um pertencente à uma família tradicional. Repetidamente, em sua narrativa, Diane se compara à uma mulher tradicional, explicando que o fato de estar exercendo a

prostituição não significava que ela tinha que se submeter aos diversos tipos de violência e às vontades alheias. Ela tinha uma percepção pessoal do que almejava para si mesma e traçava os seus limites para o exercício da prostituição, evitando o que ela considerava opressivo e moralmente repreensível segundo sua perspectiva. Em sua subjetividade singular, ela não era a identidade de prostituta construída pelos parâmetros higienistas e essencialistas, mas tampouco era uma mulher "normal" convencional, conforme os discursos de poder da medicina social. Na reação ao poder, ela resistia, exercia o seu poder, sua potência e sua autonomia, indo além do que lhe era imposto e cobrado. E as cobranças eram inúmeras e frequentes, em cada nova relação com um possível cliente, novamente as mesmas questões se impunham e ela precisava reagir e decidir qual atitude tomar.

Diane não seguia as orientações de uma única cafetina, não se estabelecia no mesmo prostíbulo por muito tempo, mudava quando lhe convinha, procurando se sentir livre para tomar suas decisões. Ela trabalhou em cinco bordéis no território, nos quais se operava basicamente o mesmo mecanismo de funcionamento, com a arrecadação da casa pautada na venda de bebidas e no aluguel das chaves, incluindo a cobrança de multas caso os clientes quisessem sair com as prostitutas ou dormir nas alcovas dos estabelecimentos. Segundo relata, "[...] quando você entra para a boate, a chave fica no balcão com eles. Assim, com as numerações, tipo uma tábuazinha, coloca os preguinho ali com número, vinte, vinte e cinco, trinta, etc e tal". Em praticamente todas as boates, as prostitutas deveriam cumprir a obrigatoriedade de permanecerem no salão desde a abertura do recinto até seu fechamento, se não estivessem nos programas, claro.

As normas disciplinares e as regras de funcionamento das boates de Carapeba foram tornando-se mais brandas conforme a região entrava em decadência enquanto principal território prostitucional da RMGV, sobretudo em princípios dos anos 1980. Nesse período, Diane voltou a morar na Boate Continental, que agora era administrada pelo Alemão. Diferente do antigo *glamour* e organização dos bordéis do mercado sexual da RMGV, onde meninas trabalhavam bem arrumadas conforme a moda do momento e deviam obedecer a uma rígida disciplina, o território passou a ser composto por boates não tão requintadas como outrora, sem o aparato policial que garantisse uma ordenação social e com maior número de prostitutas e travestis nas ruas.

Residindo na Boate Continental, que já não fazia grandes exigências às suas inquilinas, Diane atuava no mercado sexual tanto no próprio bordel, quando havia clientes cobiçados, quanto nas ruas de Vitória, principalmente no centro da cidade e na orla da Praia de Camburi, na capital capixaba. A prostituição deixava de ser exercida quase que exclusivamente dentro dos bordéis, onde as prostitutas eram "inquilinas", e, aos poucos retornava à capital capixaba e adjacências, pois os locais voltados para o exercício da prostituição se espalharam por diversos espaços da RMGV. As prostitutas passaram a fazer ponto em locais da cidade com maior circulação de homens, e normalmente realizavam os programas nos motéis, que estavam em plena expansão na metrópole capixaba. A matéria "Tudo à meia luz", publicada na Revista Espírito Santo Agora, em 1980, mostra o crescimento dos motéis na RMGV, e seu uso voltado,

principalmente, para programas prostitucionais, além dos casais legitimamente constituídos que procuravam “[...] ‘um programa diferente’ em finais de semana” (REVISTA ESPÍRITO SANTO AGORA, 1980, p. 7).

Os tempos eram outros. Joana Maria Pedro (2013) explica que, no decorrer dos anos de 1960 a 1980, as mulheres brasileiras se tornaram cada vez mais visíveis nos espaços públicos, atuando em movimentos de rua, nos clubes de mães, nas reivindicações por anistia aos presos e perseguidos pelo regime ditatorial, nas manifestações por eleições diretas, em associações femininas, nos sindicatos e nos grupos que participavam de movimento feminista. Inicialmente, dada a severidade do regime civil-militar que vigorava no Brasil, o feminismo brasileiro adotou uma postura mais tímida, focada na metodologia dos grupos de consciência ou de reflexão para divulgar suas ideias. Com o progressivo enfraquecimento do regime ditatorial em finais da década de 1970, o feminismo e as mudanças comportamentais das mulheres ficaram mais visíveis no país, por meio do surgimento de periódicos e de encontros feministas, da criação dos centros da mulher, da sua maior presença no mercado formal de trabalho, nas universidades e nas manifestações políticas e artísticas pautadas em temáticas próprias das mulheres.

Com as mudanças nos comportamentos das mulheres de razoável poder aquisitivo, maioria brancas, a necessidade e a aceitação da existência de um território voltado exclusivamente para o exercício prostitucional perdia a força. Houve uma ampliação do poder feminino nas relações sexuais, fortalecido ainda com a promulgação da Lei do Divórcio (Lei 6.515/77), em 1977. A lei possibilitou a dissolução do casamento por ambas as partes, provocando uma alteração dos parâmetros que norteavam a relação matrimonial no Brasil. Antes disso, as esposas dos frequentadores das boates de São Sebastião muitas vezes precisavam manter o vínculo conjugal com o marido que mantinha relações afetivas e sexuais, não raro duradouras, com as mulheres atuantes no mercado sexual da RMGV. O modelo da prostituição exercida dentro dos bordéis que se configuravam como verdadeiros espaços de socialização masculina, entrava em um processo de decadência. É evidente que a prostituição não deixou de existir, mas foi mudando de formato e se adaptando às novas configurações nas relações de forças entre os diversos componentes do dispositivo da sexualidade capixaba.

Ademais, desde meados da década de 1970, quando foi iniciada a construção da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST)<sup>11</sup> ao lado de São Sebastião, com apenas uma cerca dividindo a propriedade industrial do bairro de prostituição, houve um crescimento da violência na região, iniciando seu processo de decadência. Diane narra que as ruas do bairro ficaram repletas de homens e não era possível sequer circular no local com liberdade, sem ser molestada por eles. Segundo conta, além das perturbações e dos roubos, os assassinatos de mulheres aumentaram muito na região. Para ela, e também para Eny (2019), antiga cafetina na região, a partir desse momento a clientela

---

<sup>11</sup> A CST foi privatizada e hoje é chamada de ArcelorMittal Tubarão. O início de suas operações se deu somente em 1984 (SILVA, 2015).

do bairro foi alterada, os clientes mais abastados foram deixando de frequentar o território em prol dos "peões", como elas se referem aos trabalhadores da construção civil. Desse momento em diante, centenas de "peões" passaram a ocupar as ruas de Carapeba, trazendo confusões e violência para o bairro, conforme as lembranças de Diane e Eny.

Em 1984, o processo de decadência de São Sebastião foi agravado com o início das operações da siderúrgica e o término das obras para erguê-la. Os inúmeros trabalhadores da construção civil que viviam nas redondezas e frequentavam Carapeba, quando as obras para a edificação da siderúrgica estavam a todo o vapor, perderam seus trabalhos com a finalização da construção e precisaram ir embora da região em busca de emprego e sobrevivência. O bairro acabou ficando esvaziado e como Eny narra, "o peão foi embora, e aí acabou". Não que o comércio sexual de São Sebastião tenha sido interrompido de todo, de um dia para o outro, mas cada vez menos era o principal território de prostituição procurado por uma clientela diversificada. Assim como os bairros no entorno, como São Diogo e Jardim Limoeiro, o local foi se tornando, sobretudo, residencial, contando com algumas atividades comerciais, mercearias, bares, lanchonetes, lojas de roupas e pequenas indústrias. Neste mesmo ano, em 1984, por meio de um plebiscito realizado entre os moradores, o bairro mudou de nome e passou a se chamar "Novo Horizonte" (A TRIBUNA, 1999).

Com a pouca arrecadação da Boate Continental, o Alemão não conseguiu manter o negócio e passou a administração para um homem chamado Sirineu. Com a mudança administrativa, Diane voltou a morar em uma quitinete na edificação do "Seu Chiquinho". Mas, com o fim dos prostíbulos e o esvaziamento de pessoas na região, após o término das obras e o início das operações da CST, nem mesmo o Sirineu conseguiu continuar com o negócio prostitucional. A Boate Continental ficou abandonada, assim como muitas que existiam no bairro, chegando algumas a serem invadidas por pessoas sem moradia. Diane, então, para não pagar aluguel, resolveu habitar na edificação da antiga Boate Continental, agora vazia, sem energia elétrica nem água encanada. Lá ela permaneceu por cerca de 10 anos. Exercia o ofício prostitucional em diferentes pontos da RMGV e com isso conseguia sobreviver. Vivia com poucos recursos, mas, ao mesmo tempo, não precisava fazer muitos programas para arcar com os custos de suas necessidades mais elementares. Preferia assim.

### **Considerações finais: trajetória de vida de Diane**

A trajetória de vida de Diane no mercado prostitucional foi marcada por sua dificuldade em realizar os programas e sua busca constante pela realização do afeto consigo mesma, ou seja, de cuidados pessoais segundo suas percepções subjetivas. Ela não bebia, era tímida e não tinha coragem de oferecer seus serviços sexuais para possíveis clientes. Preferia se relacionar com homens mais velhos, mais estabelecidos financeira e socialmente, normalmente casados, que pudessem lhe assegurar algum recurso pecuniário eventual e a não contaminação por doenças venéreas. Além disso, ela



afirma que se sentia mal em exercer a prostituição, percebia-se como se fosse uma mercadoria, como diz,

Eu não me sentia bem com aquilo, entendeu? Eu queria estar aqui, eu tinha as colegas já, as pessoas conhecidas. Mas eu não queria fazer parte daquilo mais, eu achava horrível! O fato do homem chegar para você e te perguntar o preço, como se você fosse uma mercadoria, ir no supermercado e chegar assim, escolher a mercadoria, entendeu? Eu não aceitava aquilo. Eu estava ali porque não tinha outro recurso, não podia mais voltar para a casa. Quer dizer, meu pai me deserdou, foi uma encrenca danada, eu não tinha para onde correr.

Diane havia criado laços de afetividade e de enraizamento em Carapeba e, depois, em Novo Horizonte. Aprazia-se com a companhia das amigas e sentia-se segura no seu ambiente conhecido, como para ela o território passou a ser vivido. Ela passou da infância para a vida adulta no bairro de São Sebastião, construiu sua subjetividade em meio às relações de poder e de afeto tecidas no local. Era nesse diagrama de forças que se reconhecia e agia.

Contudo, a memória do cotidiano familiar até os seus cerca de 9 anos, quando fugiu de casa e foi para São Sebastião, também fazia parte de sua produção subjetiva e ela percebia o universo prostitucional como um pecado, uma degenerescência física e moral, da mesma forma que sua família cristã via, como mostra o seu relato acima. Para ela, era certo que se o pai descobrisse o seu ofício, iria matá-la, e, por isso, passou grande parte de sua vida fugindo dele, até ser informada de seu falecimento, anos depois.

Em diversos momentos da entrevista ela fala que muitas de suas amigas da época de Carapeba ficaram doentes devido às DSTs obtidas no exercício prostitucional e que algumas foram assassinadas na região, enquanto ela não passou por isso, não pegou nenhuma DST e tampouco foi assassinada ou sofreu violências mais severas. Na sua perspectiva, ela vivenciou um livramento divino no período em que exerceu a prostituição. Em cada episódio de violência que conta, Deus emerge em sua narrativa como o responsável por tirá-la daquela situação. Falando sobre uma de suas relações tecidas em São Sebastião, ela coloca: "se esse homem fosse um homem perigoso? Fazia o que queria e ainda matava a gente e eu não tava aqui agora contando a história. Deus vem sempre me protegendo, desde sempre". Em outro momento, ela diz: "só nessa vez que eu dei esse vacilo aí, mas graças a Deus, Jesus botou uma benção ali e eles foram embora". Deus é citado em toda a sua narrativa, na sua percepção ele sempre a protegeu diante do perigo da vivência da prostituição em Carapeba.

Também a memória da vivência familiar na infância marca a forma como Diane percebe as relações raciais vivenciadas no próprio núcleo familiar e no território na época de São Sebastião e atualmente. Apesar de negro, ela afirma que seu pai era racista e, por ser a filha mais "preta", como ela diz, era a que mais sofria violência por parte dele. E Diane reproduz o racismo em suas relações sociais em São Sebastião, vê os negros como ameaçadores e mais propensos à criminalidade. É evidente que a

percepção da discriminação racial não partiu somente de sua memória familiar, seu próprio corpo percebeu o racismo nas mais diversas relações tecidas em sua trajetória de vida e, especificamente, em Carapeba. Foi enquanto uma mulher negra que Diane se relacionou e configurou as relações de poder à sua volta, reagindo e agindo contra e com o preconceito racial. Em sua narrativa, ela procura a todo instante se afastar dos estereótipos raciais e sexistas, afirmando-se positivamente por meio da recusa em se identificar com a prostituição e a negritude.

Sem visualizar outras alternativas de vida fora da prostituição, Diane precisou se adaptar ao território e encontrar a melhor maneira de se sentir bem e segura, segundo suas próprias percepções sobre os relacionamentos com parceiros sexuais e sociais. Ela procurou manter a sua independência, não se submetia às regras de conduta e disciplinares que não estivesse de acordo, agia, em suma, em conformidade com as suas percepções pessoais de afetividade. Não permanecia por longo tempo como inquilina de uma mesma boate, e preferia, sempre que possível, morar sozinha e executar os programas prostitucionais quando considerasse oportuno e necessário. Assim, apesar da precariedade da habitação abandonada em que vivia, na antiga Boate Continental, em fins dos anos de 1980, Diane garantia a sua autonomia e o seu afeto por si mesma, vivendo conforme suas percepções segurança e conforto. Nos anos de 1990, porém, sua situação mudou. O proprietário da edificação em que vivia, Abílio, voltou e reestruturou a construção para alugar os quartos para prostitutas. Não era mais como as antigas boates. Agora, as alcovas eram arrendadas mensalmente e as mulheres podiam fazer os programas como lhes convinha.

Diane continuou morando na edificação, mas passou a ter que pagar um aluguel para o proprietário. Exercia a prostituição ocasionalmente para se manter e contava com o apoio de alguns clientes "coroas" que a ajudavam nas despesas. Com o passar do tempo, foi trabalhar como empregada doméstica na casa de Abílio, no próprio edifício, onde ele morava com a família. Diane conta que a esposa dele lhe ensinou o ofício e, com o tempo, ela foi rompendo todas as relações prostitucionais e passando a se sustentar somente com os rendimentos do trabalho como empregada doméstica. Depois, trabalhou em outra casa de família no bairro vizinho, São Diogo. Trabalhou também como atendente em uma transportadora, na contabilidade de uma empresa e, por fim, empregou-se como doméstica na casa de uma família dona de uma loja de material de construção, em Novo Horizonte, onde permanece desde 2004.

Atualmente, Diane se sente satisfeita com a vida que leva. Com seus 56 anos em 2019, ela continua morando em um pequeno apartamento na antiga Boate Continental, cujo edifício foi reformado para se tornar uma pensão. Abílio faleceu e a sua antiga esposa é quem administra o local. Diane está "em casa", habita em seu território de enraizamento, onde passou grande parte de sua trajetória de vida e tem fortes laços de solidariedade e de afeto com a vizinhança.

As ruas antes repletas de homens em busca de diversão e prazer, são, nos dias atuais, os espaços mais frequentados por Diane, em sua interação com a vizinhança. Esta é a sua família. Quando a conhecemos, em 2015, ela namorava com um sujeito que

lhe causava diversos problemas devido ao seu alcoolismo, dentre os quais, inúmeras dívidas. Rapidamente, Diane se separou do homem e dizia que sempre foi independente, que não precisava daquela pessoa em sua vida. Com muito sacrifício, pagou as dívidas que não teve como se furtar e seguiu sua vida com simplicidade e honestidade.

Hoje, Diane percebe sua vida e suas relações com um sentimento de liberdade, não precisa mais se preocupar e, como diz, "não tenho que ficar. Ai, meu Deus do céu, eu tenho que ficar com tantos para poder pagar minha conta aqui". Ela tem um trabalho estável, perto de casa, a residência que habita há anos, a vizinhança e os amigos também de longa data. É nesse sentido que ela salienta que ama a vida atual, complementando: "posso terminar sem nada! Não estou nem aí. Moro em dois cômodos com um banheiro e estou muito feliz. E não tenho inveja de ninguém, não. Está bom demais. Todo dia tem aquele compromisso de trabalhar, honestamente, sem mexer em nada dos outros". Paga as suas contas, tem o seu dinheiro com o qual ainda pode comprar o seu cigarro para fumar, hábito que remonta aos tempos de São Sebastião, sem ter que pedir para ninguém. Ela percebe a vida atual com satisfação, pois guarda na memória os sofrimentos, os medos e as decepções vividas anteriormente.

Desta forma, constatamos que a memória singular da sujeita deste estudo produziu-se em meio às relações de poder do território, na época de São Sebastião e, depois, quando o bairro se tornou Novo Horizonte. Sua subjetividade não é produto direto do poder exercido na região, ela é singular, resistia ao poder e às relações de forças que tentavam constantemente subjugar-la e controlá-la. Mas, o poder se deslocava para a relação dela consigo mesma, de forma que suas construções subjetivas, suas lembranças de Carapeba e seus hábitos pessoais, emergiram no interior das relações de poder vividas na região. A partir de suas experiências em São Sebastião e de suas próprias memórias pessoais, Diane construiu suas subjetividades singulares com autonomia e como resistência. Ela subvertia o poder que pretendia controlá-la e tomava o controle sua própria vida, em prol do afeto de si para consigo mesma.

### Fontes primárias:

A TRIBUNA. *A Tribuna vai para Novo Horizonte*. Vitória, p. 10, 8 mai. 1999.

DIANE. *História oral de vida*. 2019. Entrevista concedida, Vitória, 26 nov. 2019.

ENY. *História oral de vida*. 2019. Entrevista concedida, Vitória, 5 27 nov. 2019.

ESPÍRITO SANTO AGORA. *Tudo à meia luz*. Vitória, n. 40, p. 5-7, set. 1980.

SÃO SEBASTIÃO DOS BOÊMIOS. Direção: Amylton de Almeida. Produção: TV Gazeta do Espírito Santo. Vitória, TV Gazeta, 1976. 1 DVD (42 min), son., color.

## Referências:

- BENATTI, Antonio Paulo. *O centro e as margens: boemia e prostituição na 'capital mundial do café'* (Londrina: 1930-1970). 1996. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.
- CORBIN, Alain. *Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution aux 19e et 20e siècles*. 6 ed. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1978
- DELEUZE, Gilles. *"Il faut défendre la société"*. Cours au Collège de France. 1976. Paris: Gallimard-Seuil, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013, p. 115.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- FERRARI, Maryana Cunha. *Vila Palmira: prostituição e memória na grande Florianópolis nas décadas de 1960 a 1980*. 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979;
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984;
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, Fortaleza, p. 223-243, 1984. Disponível em: <<https://sociologiareflexaoeacao.wordpress.com/2015/11/07/lelia-gonzalez-racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira/>>. Acesso em: 20 out. 2020.



KNEELAND, George J. *Commercialized prostitution in New York city*. New York: Century Company, 1913.

LACASSE, Danielle. *La prostitution féminine à Montréal, 1945-1970*. Montréal: Boréal, 1994

LEITE, Juçara Luzia. *República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005.

LIMOGES, Thérèse. *La prostitution à Montréal: comment, pourquoi certaines femmes deviennent prostituées. Étude sociologue et criminologue*. Montréal: Les Éditions de l'homme, 1967.

MEIHY, José C. S. B. *Prostituição à brasileira: cinco histórias*. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORGANTE, Mirela Marin. “*Se você não for minha, não será de mais ninguém*”: as denúncias registradas na DEAM/Vitória-ES (2002-2010). Vitória: Editora Milfontes, 2009.

NADER, Maria Beatriz. Cidades, aumento demográfico e violência contra a mulher: o ilustrativo caso de Vitória-ES. *Dimensões - Revista de História da UFES*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 23, 2009, p. 156-171.

PERROT, Michelle. *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Paris: Flammarion, 1998.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SILVA, Madson Gonçalves da. *Crescimento urbano-industrial e a dinâmica migratória na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010): as particularidades socioespaciais dos impactos no município da Serra*. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <http://www.historia.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGHIS/detalhes-da-tese?id=7647>. Acesso em: 14 mai. 2020.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.